

podia esperar atenção e compreensão? Onde estava o público com a preparação necessária para—sequer!—o entender? Porque se tratava de problemas e de concepções que só podiam ser entendidos por quem já tivesse uma preparação especial, científica e filosófica. O sr. dr. Abel Salazar procedeu como se esta existisse, como se houvesse público capaz de o seguir nas suas exposições. Acresce isto, que não é menos importante: os artigos e os ensaios de S. Ex.^a raramente são acessíveis senão a uma reduzidíssima minoria. E não o são por dificuldade inerente aos assuntos, mas devido a não possuir o seu autor um certo número de qualidades que não se dispensam naquelas que pretendem divulgar seja o que for para o grande público. Não só a actividade do sr. dr. Abel Salazar é muitíssimo ametódica, caótica até, como também os seus trabalhos se caracterizam por uma redacção apressada, pela dispersão e falta de seqüência no desenvolvimento das idéas expostas. Parece-me pois que o primeiro responsável pelo insucesso de que se queixa é o sr. dr. Abel Salazar.

Mas há mais. O sr. dr. Abel Salazar, como se viu, queixa-se da troça, do insulto e da calúnia.

Mas esquece-se de que se tem servido, para combater outros, dessa troça e dêsse insulto que quando applicados à sua pessoa a tal ponto o indispõem. Aqui fica um exemplo: diz na sua carta que foi «metido a ridiculo num artigo de 4 colunas, por querer fazer da ciência uma bola de futebol». Pois bem: no n.º 80 da revista *Pensamento*, escreveu o sr. dr. Abel Salazar que Leonardo Coimbra «jogava o futebol com os conceitos filosóficos». (Não quero falar aqui dêsse artigo, que, sendo muito benévolo, ninguém pode classificar senão como vergonhoso—vergonhoso para quem o escreveu, confundindo ciência com a satisfação de ódios pessoalíssimos. Ficamos por aqui).

Outro exemplo: num dos jornais que o sr. dr. Abel Salazar me enviou, encontro esta passagem da sua autoria: «Por fim temos uma última classe de Metafísica, aquela em que um núcleo conceitual pobre e sem sentido lógico procura disfarçar as suas misérias à custa de roupagens literárias ou de pretensões idiotas. Esta metafísica nem é filosofia nem arte, mas simples mescla mal cosinhada de uma coisa com outra: tal é o famoso sr. Heidegger, um dos pontífices dêste género duvidoso na moderna Alemanha, e, entre nós, o pobre sr. Pascoais com o seu pobreíssimo S. Paulo» (-). «Disfar-

(-) In *O Trabalho*, n.º 137.

çar as suas misérias», «pretensões idiotas», serão expressões próprias para se falar da desgraçadinha da metafísica? E o famoso sr. Heidegger será maneira decente de mencionar um filósofo que é reconhecido como um dos maiores do nosso tempo? E que culpa terá Teixeira de Pascoais de ter escrito um livro que desagrada ao sr. dr. Abel Salazar? Por tão pouco se esqueceu de que se estava referin-

P. S.—No mesmo número de *Sol Nascente*, o sr. Carlos de Sousa Estrada declara, heroica e ingenuamente, que se considerava «incluído no número daqueles «que por dá cá aquela palha atinam à cabeça (dos demais) com meia dúzia de termos técnicos», etc. Creio que não há mais nada a dizer-lhe do que... se enfiou a carapuça é porque ela lhe serviu. Parece-me portanto que em vez de presente

A PROPOSITO DUMA CARTA DO SR. DR. ABEL SALAZAR

do a um dos maiores poetas portugueses? «O pobre sr. Pascoais»!! Eu còro de vergonha pelo sr. dr. Abel Salazar ao transcrever esta expressão.

Pois bem: poderia citar inúmeros exemplos do mesmo teor—e outros de teor ainda mais grave. A verdade é que—e nada mais pretendo mostrar—o sr. dr. Abel Salazar não deixa de usar a troça e o insulto quando assim lhe apetece ou convém. E' triste, mas é assim mesmo. Li muitos artigos do sr. dr. Abel Salazar antes de chegar às conclusões atrás expostas. E confesso que os li na esperança de desfazer uma impressão desagradável que me ficara da leitura de alguns dos seus escritos. Em vão. E o que escrevi agora, e no anterior «comentário», não é tudo o que poderia dizer, porque me restringi apenas aos aspectos do caso agora trazidos a terreno.

Não quero concluir sem registar o seguinte: que não saberei agradecer suficientemente o tom da carta que me dirigiu o sr. dr. Abel Salazar. Há nela uma sinceridade e uma honestidade que mais desagradável me tornam ter de afirmar opiniões que a «pessoa moral» do sr. dr. Abel Salazar me faz lamentar ser preciso trazer a público.

Substituindo ainda noutro ponto: espero que ninguém se lembre de descobrir que ataquei a Psico-Somática, a caracterologia e a Escola de Viena. E' natural que o faça em breve com relação a esta última, mas não é do que se trata nesta ocasião.

muito mais lhe valeria ficar ausente...

O sr. Sousa Estrada foi infeliz, foi ingénuo. Mas, que diabo!, para que vem cantar loas à *Characterologia*? Julga que eu tenho tempo para jogar a cebra-cega consigo? Assim até me dá razão de-mais. Guarde as suas explicações para quem contestar a importância da *Characterologia*.

Aponte-me uma única palavra minha que, sequer, possa sugerir que a «ataquei». Ora procure, que eu bem sei que não encontra.

Para outra vez será melhor ler com mais atenção, e só responder depois de o ter feito.

Vilumbra-se neste caso um fenómeno psicológico bem interessante, no qual se vê o homem de ciência, ou quem pretende sê-lo, identificar-se com a «sua» ciência, não distinguir entre ela e a maneira como a comenta, propaga, etc. E', pelo visto, vulgar entre os discípulos do sr. dr. Abel Salazar, pelo que não felicito, nem a êste, nem àqueles.

A. C. M.

P. P. S.—Agradeço ao sr. Carlos de Sousa Estrada o favor de me informar se se entende comigo o penúltimo parágrafo do seu artigo. (A resposta pode ser por via particular). Como o artigo me é dirigido, seria lícito concluir pela firmativa. Mas como não vejo ali nada que se possa aplicar ao que afirmei, tenho de, provisoriamente, me ficar pela negativa.

Casais Monteiro